



JAVIER ZABALA: LIBERDADE, GESTÃO DO MEDO E PRODUÇÃO DE CUIDADO EM SAÚDE NO ENSINO DE ARTE

JAVIER ZABALA: FREEDOM, FEAR MANAGEMENT AND THE PRODUCTION OF HEALTH CARE IN ART EDUCATION

Tarcila Lima da Costaⁱ
UNESP- Bauru

RESUMO

O trabalho apresenta uma reflexão sobre a proposta do ilustrador e arte-educador, Javier Zabala, a partir da articulação entre três elementos: a ilustração como campo de liberdade criativa, gestão do medo e produção de cuidado em saúde. Tais elementos foram observados durante a participação da autora em um curso (A Própria Voz III) oferecido pelo artista. Posteriormente tais elementos foram abordados de forma mais específica em uma entrevista realizada com artista, considerando algumas de suas propostas e de suas escolhas como artista e também como arte-educador.

PALAVRAS-CHAVE

Ilustração. Arte educação. Medo. Cuidado em Saúde.

ABSTRACT

The work presents a reflection on the proposal of the illustrator and art educator, Javier Zabala, based on the articulation between three elements: illustration as a field of creative freedom, management of fear, and production of care in health. These elements were observed during the author's participation in a course (The Own Voice III) offered by the artist. Subsequently, these elements were addressed more specifically in an interview conducted with the artist, considering some of his proposals and choices as an artist and also as an art educator.

KEYWORDS

Illustration. Art education. Fear. Health Care.

Introdução

Este trabalho apresenta uma reflexão a partir da proposta de arte-educação de Javier Zabala, identificando elementos essenciais que a constituam (ilustração como campo de liberdade criativa e gestão do medo) e sua relação com a produção de cuidado em saúde. A reflexão se dá a partir da experiência vivenciada por esta autora no curso de ilustração A Própria Voz III (Ateliê La Casa Oblicua e Laboratório Emília de Formação



- Espanha) oferecido pelo artista e arte-educador. A autora, em busca de respostas sobre possibilidades no campo da ilustração de livros, encontrou também respostas sobre o ensino de Arte, aqui compartilhadas.

Javier Zabala

A maravilhosa frase "Um livro ilustrado é a primeira galeria de arte que uma criança visita" da artista e autora Kveta Pacovská (GODINHO e FILIPE, 2001) vem fazendo cada vez mais sentido, no decorrer do tempo, e o reconhecimento do valor da imagem no livro ilustrado vem sendo ampliado. Cada vez mais, a ideia de que o livro ilustrado é o primeiro contato potente que uma criança costuma ter com uma imagem artística, nos auxilia a vislumbrar o tamanho do território do qual estamos falando. Como nos diz Linden (2011, p.8) "O livro ilustrado infantil conheceu grandes inovações. A imagem foi gradativamente ganhando um espaço determinante". Da mesma forma, artistas dedicados à produção de imagens para o contexto dos livros ilustrados, também ampliaram seu campo de atuação, sua notoriedade e reconhecimento. Já faz algum tempo que o universo dos livros ilustrados conta grande diversidade de ilustradores que, por sua vez, trabalham com inúmeros recursos, técnicas e caminhos poéticos na relação entre texto e imagem. Um desses grandes artistas dedicados ao trabalho de ilustração de livros é Javier Zabala (Figura 1).



Figura 1: O Ilustrador Javier Zabala em seu ateliê

Fonte: <https://sobrinojavier.blogspot.com/2017/03/entrevista-javier-zabala.html>



O artista é reconhecido por ilustrar com sua poética peculiar, livros para públicos de faixas etárias variadas. Zabala nasceu em Leon (Espanha), estudou Ilustração e Design Gráfico na Escola de Artes de Oviedo e Escola de Artes de Madrid, para onde se mudou em 1984 e permanece até os dias de hoje. Já trabalhou como ilustrador em várias áreas, como revistas, publicidade e desenhos animados. Desenvolve trabalhos para importantes editoras espanholas e algumas da Europa, Ásia e América Latina. Já ilustrou mais de 80 livros, sendo alguns de própria autoria, outros de autores como Cervantes, Shakespeare, García Lorca e Van Gogh. Alguns dos quais já foram traduzidos para 16 idiomas e pelos quais já recebeu diversos prêmios. Além de seu trabalho como ilustrador, atua como professor em cursos, palestras e aulas em diversos locais e públicos de países como Itália, Colômbia, Equador, México, Irã, Cuba, Brasil, Venezuela e Israel (ZABALA, 2024).

Ilustração como campo de liberdade

“Eu sempre pensei que o fato de pintar, de desenhar, de criar arte é uma fonte inesgotável de felicidade.” Javier Zabala (2021)

É muito importante ressaltar a inseparabilidade entre ‘quem é o artista Javier Zabala’ e ‘quem é o educador Javier Zabala’. Sua obra, seu trabalho como ilustrador fala também de quem ele é como educador e vice-versa. Seus trabalhos como ilustrador são marcados pela expressão de instigante liberdade criativa, tanto no que diz respeito a temas, quanto a técnicas (Figuras 2 e 3). Sobre técnicas, o artista diz que tudo é possível e permitido se for do interesse maior da narrativa (história, livro) e diz: “Eu misturo tudo que posso imaginar, sejam técnicas ou estilos gráficos. Faço porque tenho interesse, me diverte, me motiva e acho muito enriquecedor.” (ZABALA, 2017).

Zabala (2017) menciona “Acredito que as técnicas têm que estar mais ligadas ao caráter do artista do que ao livro ou ao tema”. E assim propõe que seja em seu curso. Propõe, não que o estudante execute técnicas, apenas, mas que haja um exercício por parte do estudante, de reconhecimento do seu caráter, da sua personalidade ao utilizar as técnicas apresentadas por ele. Segundo o artista, é preciso ‘metabolizar’ uma técnica, até que ela apresente as características do autor.



A partir da experiência do curso A Própria Voz III (Ateliê La Casa Oblicua e Laboratório Emília de Formação), do qual a autora participou, é possível dizer que Zabala ensina com teoria, prática e também ensina pelo exemplo. Apresenta os recursos que utiliza relativos às técnicas de seu processo criativo, e também sobre si mesmo, sobre seus percursos internos (psicológicos, emocionais, etc), os recursos que utiliza para lidar consigo mesmo durante os processo de criação. Zabala investiga a si mesmo e compartilha, generosamente, as respostas que encontrou sobre seu percurso, apontando, não UMA direção correta a ser seguida, mas indicando COMO ele mesmo compreendeu sua própria direção e incentivando que cada um encontre a sua. Mostra-se um artista impregnado do sentido de liberdade e como professor, um sujeito generoso dessa mesma liberdade. Buscar a liberdade para si e para os outros passa pelo reconhecimento de que a ideia de perfeição pode ser traiçoeira, empobrecedora e encarcerar a criação, se está atrelada somente ao domínio de execução técnica, na produção de uma imagem. Inclusive, é preciso lembrar que a palavra **domínio** traz em si a ideia de autoridade, de ordem, de contenção dentro de limites pré-estabelecidos, e daí, como consequência, aquilo que não revela domínio, revela que há “erro”.

Já, a ideia de aceitar e lidar com os supostos erros, falhas, imperfeições e vulnerabilidades, ressignificando e transformando esses pontos em novas elaborações, pode ser um caminho de força que assegura a liberdade criativa, uma vez que o artista não fica refém da ideia de erro. Buscar aperfeiçoamento é um processo natural do ser humano, mas reconhecer que essa busca pode estar voltada para a essência, e para a efetivação da comunicação, são pontos importantes e foram observados no decorrer do curso oferecido por Javier Zabala.

Mas como ensinar a liberdade? Há espaço para liberdade onde não há horizontalidade nas relações? O curso A Própria Voz III foi oferecido de forma online, sem encontros síncronos, contando com vídeos demonstrativos, com exemplos de recursos técnicos e comentários do artista sobre tais recursos. Os vídeos demonstrativos são importantes pois, além dos recursos técnicos apresentados, neles, o artista aponta com exemplos de suas vivências, as estratégias que utiliza para acionar em si as



respostas que busca. Tais vídeos são disponibilizados em uma plataforma que também conta com um fórum de discussão a cada atividade, reunindo os participantes remotamente, onde estes se comunicam inserindo seus registros por meio da escrita e das imagens produzidas. E em tais fóruns uma catálise acontece. Ali, Zabala escuta (vê, lê, percebe) seus educandos, observa seus trabalhos, promove diálogos coletivos, instiga, mas não se coloca como detentor da verdade, permanece atento e, sobretudo, não toma decisões por seus aprendizes, já que, como o artista nos diz, decidir é também um aprendizado. Assim, Zabala promove a horizontalidade na relação e a autonomia dos alunos, abrindo mão dos exercícios de poder, como nos diz Paiva (2017):

O exercício de atenção anteriormente evocado, se entendido como opção assumida, por cada um de nós, professores, implica um esforço contínuo de suspensão do exercício do nosso poder, do modo como movemos os “regimes de verdade”, para uma procura atenta de fortalecimento de relações educativas onde a velha postura do “mestre” (RANCIÈRE, 2010) seja radicalmente enterrada, substituída por um espaço horizontal de partilha, onde, todos sejam “aprendizes”, e, assim, se permita o exercício criativo da liberdade e do artístico.(PAIVA, 2017, pg 176-177)

Paulo Freire também já nos dizia sobre a importância da educação não ser ‘bancária’ (FREIRE, 1987). Assim, a construção do conhecimento em arte encontra na capacidade de diálogo e no favorecimento da expressão individual, o reconhecimento da alteridade, da autonomia e da liberdade, sendo estes, elementos significativos na aprendizagem e na criação artística. Para Freire (1987),

Se alguém não é capaz de sentir-se e saber-se tão homem quanto os outros, é que lhe falta ainda muito que caminhar, para chegar ao lugar de encontro com eles. Neste lugar de encontro, não há ignorantes absolutos, nem sábios absolutos: há homens que, em comunhão, buscam saber mais. Não há também, diálogo, se não há uma intensa fé nos homens. Fé no seu poder de fazer e de refazer. De criar e recriar. Fé na sua vocação de ser mais, que não é privilégio de alguns eleitos, mas direito dos homens. A fé nos homens é um dado a priori do diálogo. (FREIRE, 1987)

Como ex-aluna de seu curso, posso dizer que Zabala é um desses educadores que tem fé em seus educandos. Não pelas exímias capacidades técnicas que estes já demonstram, a priori, mas pela potencialidade que cada um pode apresentar em conhecer



a si mesmo e se desenvolver. O restante do aprendizado fica por conta da prática constante, segundo o arte-educador.

Zabala divide com os alunos uma alternativa para driblar a si mesmo: o artista não faz rascunho de seus trabalhos. Ou melhor, faz muitos “rascunhos”, mas sempre utiliza papel de boa qualidade para que cada traço (que poderia permanecer como rascunho) possa potencialmente fazer parte de um trabalho original assim que terminado. Assim, ele mantém o frescor e a aventura de criar e não se permite cair na tentação de tentar “aperfeiçoar” uma imagem, por ela não estar em papel de bom acabamento. Isso lhe dá liberdade, já que para todos os trabalhos o senso de trabalho único permanece o mesmo, o risco dessa aventura está presente em toda e qualquer criação. Ainda segundo o artista:

Eu penso que o trabalho profissional deve mesclar-se com o processo de confecção dos esboços, que é o que esse meu amigo, Jesus Cisneros, que esteve 4 dias fazendo um curso comigo faz. Ele faz vários esboços num caderno, despretensiosamente, até chegar à forma final. E é como se, num determinado momento, a forma final aparecesse, ou seja, que a etapa de busca (que são os esboços) se funde com o trabalho final. É como fazer o desenho sem se dar conta de que está fazendo ou como se estivesse fazendo um esboço num caderno teu. E ele me disse que gosta disso porque no trabalho final aparecem coisas novas, acontece algo novo. Isso é o que produz a felicidade: a descoberta de coisas novas. Ou seja, [como profissional] você faz uma pesquisa para um desenho final para publicar e ao colocar esse desenho num esboço a lápis, diz: “que bonito, vou fazê-lo maior”. Mas se [o trabalho final] não te sai bem é porque na verdade você não fez nada de novo, você não descobriu nada, houve apenas cópia. Na verdade, não sai bem porque na verdade não te interessa. Eu creio que é por isso que não sai bem. Você cria bloqueios porque pensa que deve fazer um original. (ZABALA, 2021, p.2)

Essa estratégia auxilia a lidar com nossas tensões e auto cobranças por fazer um trabalho ‘bom’. E com o famoso “medo de errar” com o qual, nós, arte-educadores, tanto lidamos em sala de aula, uma vez que tudo pode ser “erro” e ser ao mesmo tempo produto final. A noção de “erro” é relativizada, na medida em que os acasos da relação entre a tinta e o papel, por exemplo, são absorvidos como parte da criação. A gota que cai sem ser planejada, a marca não tão bem calculada, que deixa o registro do movimento do rolo de gravura, o papel rasgado sem muita precisão, tudo é permitido, aceito, acolhido e até mesmo, provocado e bem vindo. Soma-se a isso a



utilização de técnica mista (Figuras 2 e 3), que tudo acolhe, desde que seja do interesse da história, como já nos disse o artista. E, então, o aspecto no qual se apoia para buscar algum controle na criação, fica no campo da interpretação sensível da história a ser contada e do conhecimento das forças de composição (peso, densidade, textura, direção, etc), que podem conduzir o olhar do leitor e comunicar a intenção da relação texto-imagem, sobre a bidimensionalidade do papel. O profundo e sensível reconhecimento das camadas interpretativas da história, associado ao conhecimento da força das forças atuantes na composição brincam de mãos dadas com a personalidade do artista e sua liberdade na execução prática, e nesse roda, se faz Arte.



Figura 2: Ilustração de Javier Zabala com técnica mista para o livro O Pássaro na Gaiola (Van Gogh)
Fonte: <http://www.javierzabala.com/index.php?id=96>

Nessa roda de mãos dadas, com técnica mista, todo material é possível de ser utilizado. Além disso, um personagem também não precisa ser apresentado por meio do mesmo recurso técnico no decorrer de um livro. Precisa, apenas, manter uma característica essencial que o faça reconhecível, e assim, a liberdade para criar em torno dessa característica é total. Como na ilustração a seguir (Figura 3) em que o menino utiliza sua cartola azul, presente em todo o livro, e passa a ser por ela reconhecível, enquanto outros aspectos de sua configuração geral passam por mudanças.



Figura 3: Ilustração de Javier Zabala com técnica mista para o livro 'O dragão solitário'.

Fonte: <http://www.javierzabala.com/index.php?id=92>

Essa liberdade que envolve todos os campos da representação é um dos fatores que faz com que o artista associe o ato criador à ideia de felicidade. E, segundo ele:

Claro, também creio que há gente na qual pintar não causa felicidade porque ficam agoniadas, mas isso acontece porque o ego dessa pessoa está por cima. Eu creio que, para que a arte produza felicidade, deve ser feita de uma maneira lúdica e sem pretensões ou sem ter aquele estresse ou pressão que você mesmo se coloca para fazer algo bem, para chegar a um nível que você se coloca mas que, na verdade, tem a ver com o nível dos outros e com o que os outros esperam de ti. E isso tem a ver com a voz própria, o que você é dentro, os problemas que você tem para ser você mesmo. Você se lembra da ideia das camadas da cebola, certo? Esta seria a camada da família, aquilo que a família e os amigos esperam de você. Essa camada é muito forte, na verdade. Há que se superar isso. Há dois tipos de pessoas que podem fazer arte: as que não dão a mínima (que não se importam nada com isso) como o namorado da minha filha, que é cientista e trabalha com nanopartículas, e pinta porque gosta. Ele não tem nenhum estresse, pinta por diversão. Mas uma pessoa que faz esse trabalho profissionalmente tem muito mais estresse obviamente, porque necessita ter resultados. Claro que não é o mesmo, porque se você está pintando em um caderno assim [mostra o caderno]...ou pintando qualquer coisa tipo isso, com amigos em um bar, você está se divertindo apenas. O certo é que há que tender a que o trabalho



profissional parta dessa emoção da liberdade absoluta que há num caderno. Aí está o gozo pessoal. (ZABALA, 2021, p.1)

A ideia é a de superar as camadas que nos aprisionam, que nos cerceiam, que nos modelam e assim, cada um buscar a sua Voz Própria. No curso, no decorrer das interações no fórum, o artista menciona algumas camadas que nos cobrem e tensionam sobre o que devemos ou não devemos ser, como aquilo que aprendemos com a família, a religião, os amigos... e nos provoca reflexões. E então o exercício contínuo de criar e experimentar passa a ser o exercício de buscar aquilo que é genuinamente seu. Passa a ser o exercício de buscar aquele lugar onde você está somente consigo mesmo, quando se retiram essas camadas e você se escuta e acolhe tudo o que você é. Ali, naquele lugar, não há erro e não há perfeição. Há quem você é.

Gestão do Medo

Atravessar tais camadas e apresentar ao mundo “quem sou eu” pode ser um processo doloroso e permeado pelo medo. Por isso, a ideia de gestão do medo na proposta de arte-educação de Javier Zabala, está intrinsecamente relacionada com o campo de liberdade. Na liberdade não há julgamento. Na liberdade não há medo. E é ali, na gestão de nossas percepções e emoções diante do papel em branco, que tudo começa. Atravessar as angústias do ato criador, mantendo o que se pretende dizer, o que vem da essência, sendo quem se é, enquanto “se diverte” em criar, como diz o artista.

Eu penso que há duas coisas importantes num artista. A primeira é trabalhar desde dentro...isto é o trabalho de introspecção. A única forma de ser original é alcançar a marca pessoal que cada um leva dentro de si. A outra coisa importante para um artista é gerir as pressões ou o medo. Se você tem medo é como se você tivesse uma máquina ligada e alguém a desligasse. É como se tivesse uma máquina poderosa de trabalho que está ligada, e o medo te desconecta, desconecta o cérebro da mão, e você não pode permitir isso. E este tipo de trabalho [o trabalho artístico] é um trabalho que tem acima de si um público, então você tem que gerir isso, gerir o medo. O problema de gerir o medo e de buscar a sua própria voz é o estudo que tem que fazer...e não há ninguém melhor do que você mesmo que conheça suas teclas, seus botões...os tapas que a vida te dá, os pesos que a vida te impõe, só você conhece, e isso é o que faz



que você seja como é...enfim, se você tem uma família repressiva, você tem uma camada muito espessa para tirar, ou a religião, que é a mega camada...imagina essa frase, “ganharás o teu pão com o suor do teu rosto”, que é bíblica, e um dia sai um desenho com pressa e bom, e você com essa camada diz “isso não pode estar bom” porque não foi suado, não foi sofrido, isso é mentira porque você pode fazer algo simplesmente por estar treinado...você pode estar suando e trabalhando há 10 anos para fazer isso, e te sai fácil...são coisas que na verdade te fazem desfrutar ou não...porque se você tem medo você não desfruta... é tipo o peixe que morde o rabo e você não sabe onde está o começo e o fim do problema...por isso insisto que o medo sempre existe, mas temos que gerir o medo...eu criei formas de gerir o medo para mim, criei redes de segurança para mim... (ZABALA, 2021, p.5)

Como mencionado anteriormente, o artista e arte-educador propõe estratégias, lida de forma prática com as armadilhas, do tipo que cada um de nós coloca a si mesmo, para driblar o medo. O papel de boa qualidade, o esboço contínuo, a utilização de técnica mista, o acolhimento dos supostos erros, o foco na essência do personagem, na necessidade da história, tudo funciona como focos de luz sobre aquilo que não é o ego do artista. Não deixando o ego do artista ser mais importante do que todo o resto, o medo diminui.

E como a ideia de liberdade, de gestão do medo podem estar conectadas com a produção de cuidado em saúde? Para compreender esta proposição, é preciso reconhecer o sentido de produção de cuidado em saúde a que estamos nos referindo.

Produção de Cuidado em saúde

Diferente do que o senso comum costuma compreender como saúde, buscar uma maneira própria para “tocar a vida” e se sentir bem, segundo Cecílio (2011) também é buscar a produção de cuidado em saúde. Ou seja, saúde não é apenas o oposto de adoecimento. Para a Organização Mundial de Saúde (OMS), saúde vem sendo compreendida como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não apenas a ausência de doença ou enfermidade” (OMS, 1946). Ou seja, produzir cuidado em saúde não é apenas ir à emergência hospitalar ou à consulta médica, mas reconhecer a dinâmica de vida que integra as decisões e ações que favorecem que o sujeito se sinta bem, de forma geral.



Produzir saúde não é apenas prescrever ou tomar o medicamento. Mas considerar os fatores que podem estar envolvidos também no contexto social, bem como o caráter subjetivo da questão. Pensar em produção de cuidado em saúde também implica em reconhecer que vivemos cotidianamente, e de forma inevitável, essa busca pela produção de cuidado. Tem a ver com nossas escolhas, nossas decisões (e capacidade para tal) frente às mais variadas situações, adversidades, sofrimentos, e que podem culminar, aí sim, ou em outros processos de adoecimento ou de bem-estar, a depender de como cada um vivencia, de como elabora suas ações diante do cotidiano e abre espaço para a produção de vida.

Cecílio (2011) lembra a importância de pensar em saúde considerando as necessidades singulares, que modificam de acordo com a pessoa e com o momento. Não existem prescrições gerais e duradouras de forma irrestrita. Cada condição de saúde é única e cada solução para a manutenção da saúde é também única e momentânea. O autor coloca que a gestão do cuidado se refere ao:

provimento ou a disponibilização das tecnologias de saúde, de acordo com as necessidades singulares de cada pessoa, em diferentes momentos de sua vida, visando seu bem estar, segurança e autonomia para seguir com uma vida produtiva e feliz. (CECÍLIO, 2011, p. 589)

Aqui, a expressão “produtiva e feliz” nos dá uma pista de alguns caminhos possíveis para realização e reflexão acerca de cuidado em saúde e arte. Para o autor (CECÍLIO, 2011) a gestão do cuidado pode ocorrer em seis dimensões: individual, familiar, profissional, organizacional, sistêmica e societária, assim definidas: a) individual: a maneira de “cuidar de si” de cada um; b) familiar: seus principais atores são familiares, amigos e vizinhos; c) profissional: ocorre entre o profissional de saúde e o usuário; d) organizacional: diz respeito à divisão técnica e social do trabalho em saúde e o gerenciamento de fluxos; e) sistêmica: relacionada à construção de conexões formais entre serviços de saúde, construindo redes. f) societária: relacionada ao encontro entre a sociedade civil e o Estado.

Para Cecílio (2011) é na dimensão societária “que se aprecia como cada sociedade produz cidadania, direito à vida e acesso a toda forma de consumo que contribua para



uma vida melhor”. Nesse sentido, podemos reconhecer que fora do ambiente especificamente destinado à área da saúde, podemos realizar a produção de cuidado individual, familiar e societária. O que amplia nossos olhares e nos coloca a todos (cidadãos) como possíveis agentes de cuidado, seja sobre si mesmos ou uns sobre os outros, incluindo os caminhos que decidem pelo cuidado por meio da arte e da arte-educação.

Produção de cuidado e arte /arte-educação

As camadas possíveis para se pensar na relação entre arte e saúde são várias, desde a produção de hormônios que aumentam a sensação de bem-estar (que possui investigação no campo médico propriamente dito), ou pelas investigações de arte terapia, que associam caminhos terapêuticos de compreensão e superação dos problemas. Da mesma forma, também se pode lembrar que o tempo de obtenção de altas hospitalares é reduzido quando associado a alguma atividade artística. A Organização Mundial de Saúde dedica um setor de suas iniciativas a relação entre arte e saúde, e segundo a OMS:

As artes podem afetar os determinantes sociais da saúde, apoiar o desenvolvimento infantil, encorajar comportamentos de promoção da saúde, ajudar a prevenir problemas de saúde e apoiar a prestação de cuidados. Eles também podem reduzir o estresse, o que ajuda a prevenir ou retardar a progressão de uma série de condições, incluindo doenças cardiovasculares e até mesmo alguns tipos de câncer. Criar e experimentar as artes pode ter efeitos profundos para as pessoas afetadas por doenças mentais. Sua capacidade de provocar estimulação cognitiva é eficaz no tratamento da demência e de outras condições associadas ao envelhecimento; o uso da arte para processar a emoção pode ser eficaz no tratamento da depressão e da ansiedade; e a interação social associada pode ser uma forma eficaz de prevenir fatores de risco de doença mental, incluindo solidão, discriminação e capital social reduzido. As artes também desempenham um papel fundamental nas campanhas de educação para a saúde. Eles podem ser usados para comunicar mensagens valiosas entre culturas e divisões políticas, ajudar as comunidades afetadas a compreender os riscos de certas doenças ou comportamentos e fornecer meios para que as populações afetadas processem e aprendam com eventos traumáticos. (OMS, 2019)

São muitas as possibilidades de relação entre Arte e Saúde. No campo de processos de criação artística, por sua vez, a artista e escritora Ostrower (1978) comenta:



Criar não representa um relaxamento ou um esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos, nós, a realidade nova. Daí o sentimento do essencial e necessário no criar, o sentimento de um crescimento interior, em que ampliamos em nossa abertura para a vida. (OSTROWER, 1978, p.28)

A autora e artista não menciona a produção de cuidado em saúde, com estas palavras, mas menciona que vivenciar processos de criação nos permite ampliar uma abertura para a vida, ou, para outros significados de vida. Nos propicia uma vivência subjetiva, tanto mais quanto essa subjetividade, ou a singularidade é estimulada por um educador.

E podemos inferir que a ideia de ampliar a vida, com a intensificação do viver, se aproxima de felicidade e se aproxima da promoção de cuidado em saúde. Apesar de não serem sinônimos, pode-se dizer que produção de cuidado em saúde e felicidade são elementos complementares na produção de vida. Pode se, portanto, inferir ainda, que ao promover processos de criação, como os propiciados por Javier Zabala, permeados de liberdade, gestão de medo, ampliação de vida, estamos a propor a produção de felicidade e saúde.

Conclusão

Paulo Freire (1987) já nos alertava que a educação sofre da doença da narrativa, em que um conhecimento, uma teoria pode ser simplesmente despejada de forma desconectada e descontextualizada, sem que haja relação com a realidade do educando. Nesse sentido, o nome do curso - A Própria Voz – já indica que o posicionamento do ilustrador e arte-educador não é o de despejar conteúdo, mas de propiciar que uma verdade emergja. Zabala deixa evidente, desde o início que pretende que os aprendizes reconheçam suas vozes autorais, e não que apenas aprendam sobre técnicas de execução que podem ser transmitidas, ou mesmo despejadas, a depender do educador.



O domínio de execução de uma técnica, coloca um material à disposição do artista. Zabala não diz isso, com palavras, mas creio que posso deduzir de suas propostas, que há uma espécie de respeito do artista pela possibilidade que todas as coisas trazem em si, todos os materiais, recursos e, sobretudo, respeito pelas histórias. Como se estes elementos fossem entidades, com seus propósitos de existir no mundo, com suas personalidades e seus acasos, que devem ser respeitados e não apenas subjugados pela mão do artista. Assim age o artista em suas criações.

Assim também age o arte-educador Zabala com os estudantes. Zabala ensina enquanto respeita nossas vulnerabilidades e nos auxilia a enxergar nossas potências, ensina a enxergar nossas eventuais vulnerabilidades como potências. E o faz sem cercear aquilo que se apresente como uma característica, ou uma escolha, seja qual for. A cada aula, e também ao final do curso, eu pude dizer “Tive uma experiência!”, no mais puro sentido de Dewey (2010). Criar ou ensinar com o que se tem, com o que está à sua frente é gesto generoso que acolhe, cuida e amplia a vida, num mundo que tende a dominar, oprimir e podar.

E, como foi possível observar, Zabala-artista e Zabala-arte-educador, focam naquilo que é essencial. Seja na essência do personagem como a única coisa que precisa ser mantida visível, seja a busca pela essência da personalidade do artista, ou na essência do gesto criador, que aposta na força da comunicação e não se atém a execução técnica. E assim ele nos ensina que para gerir o medo e alcançar a liberdade, precisamos reconhecer o que é essencial, respeitando as potencialidades e formas de existir. Nas histórias, nos personagens, na criação e em nós mesmos. Obrigada, Zabala!

Referências

CECÍLIO, LCO. Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde. Botucatu, **Interface – Comunic. Saude, Educ** v.15, n.37, p.589-99, abr./jun. 2011.



DEWEY, J. A Arte como experiência. In: DEWEY, J. Os Pensadores. São Paulo: Abril Cultural. (1950) 2010.

FREIRE, P. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1987

GODINHO, M. J.; FILIPE, E. Kveta Pacovska Livros ilustrados ou escrita feita ilustração?. Malasartes. **Cadernos de Literatura para a Infância e a Juventude**, n. 7, p. 3-6, Dezembro 2001.

LINDEN, Sophie Van der. Para ler o livro ilustrado. Tradução de Dorothée de Bruchard. São Paulo: Cosac Naify, 2011.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. **Constituição da Organização Mundial da Saúde**. Genebra: OMS, 1946. Disponível em: <https://www.who.int/about/accountability/governance/constitution/> Acesso em 22 de junho de 2024

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Relatório Síntese da Rede de Evidências em Saúde 67 sobre **[Quais são as evidências do papel das artes na melhoria da saúde e do bem-estar?]**, 2019. Disponível em: <https://iris.who.int/handle/10665/329834> Acesso em 28 de abril de 2024

OSTROWER, F. Criatividade e processos de criação. 9 ed. Petrópolis: Vozes. 1978

PAIVA, J.C. Inquietações e mudanças na Educação Artística: mais de que nunca uma urgência. **Revista Gearte**. Abordagem Triangular: territórios e perspectivas Arte/Educativas v. 4 n.2, 2017

ZABALA, J. **Javier Zabala - Bio**. Disponível em: <http://www.javierzabala.com/bio.php> Acesso em 21 jun. 2024.

ZABALA, J. **A magia da síntese**. Entrevista concedida a Javier Sobrino, 2017. Disponível em: <https://sobrinojavier.blogspot.com/2017/03/entrevista-javier-zabala.html> Acesso em: 21 jun. 2024.

ZABALA, J. **Conversa sobre ilustração, arte e saúde**. Entrevista concedida a Tarcila Lima da Costa. Brasil/Espanha (online), 30 set. 2021.

ⁱ Professora Assistente Doutora na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, no curso de graduação em Artes Visuais (Bacharelado e Licenciatura) em Bauru (SP) na Faculdade de Arquitetura, Artes, Comunicação e Design (FAAC). Mestre e Doutora em Ciências pelo Hospital de Reabilitação de Anomalias Craniofaciais (HRAC/USP). E-mail: t.costa@unesp.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5542-0481>. Lattes ID: <http://lattes.cnpq.br/6511711381302753>